

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

MÁRIA CRISTINA GOMES TEIXEIRA

**PROJETO SESI INDÚSTRIA DO CONHECIMENTO E A
DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO POR MEIO DO ACESSO A LEITURA:
ESTUDO DE CASO UNIDADE GOIÂNIA**

GOIÂNIA
2011

MÁRIA CRISTINA GOMES TEIXEIRA

**PROJETO SESI INDÚSTRIA DO CONHECIMENTO E A
DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO POR MEIO DO ACESSO A LEITURA:
ESTUDO DE CASO UNIDADE GOIÂNIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção de Diploma de Graduação para o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás.

Orientadora: Prof. Msc. Andréa Pereira dos Santos.

GOIÂNIA
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Teixeira, Mária Cristina Gomes.

Projeto SESI Indústria do Conhecimento e a democratização da informação por meio do acesso a leitura: estudo de caso unidade Goiânia. [manuscrito] / Mária Cristina Gomes Teixeira. – 2011.

51 f.

Orientadora: Prof^a Msc. Andréa Pereira dos Santos
Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Goiás, Biblioteconomia, 2011.

Bibliografia.

Inclui lista de siglas.

1.SESI Indústria do Conhecimento. 2. Democratização da informação. 3. Leitura. I. Título.

CDU: 027.4

MÁRIA CRISTINA GOMES TEIXEIRA

**PROJETO SESI INDÚSTRIA DO CONHECIMENTO E A
DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO POR MEIO DO ACESSO A LEITURA:
ESTUDO DE CASO UNIDADE GOIÂNIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Comunicação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção de grau de Bacharel, aprovado em ____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^ª. MSc. Andréa Pereira dos Santos

Presidente da Banca – Orientadora (UFG)

Prof^ª. Dr^ª. Suely Henrique de Aquino Gomes

Membro Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu sabedoria, paciência e inspiração para concluir este trabalho.

Aos meus pais que se dedicaram para que eu tivesse uma boa educação e que me deram todo o respaldo necessário para chegar até aqui.

Aos meus amigos Esdra Basílio e Vinícius dos Santos pelo companheirismo e o apoio que me deram nas horas de desespero.

A minha orientadora Andréa Pereira dos Santos que com sua calma soube me guiar até o final do trabalho, pela presteza e pelos conselhos.

Ao Vinícius Lemes Albuquerque pela compreensão, conselhos e as palavras de sabedoria.

Aos amigos e familiares que de foram direta ou indireta fizeram deste trabalho árduo menos cansativo.

”O livre acesso ao conhecimento registrado é pré-requisito para formação de comunidades autoconscientes, integradas na cultura de sua nação, ajustadas ao seu tempo e aptas a encontrar o equilíbrio na síntese das ideologias possíveis que tornam tão variadas as opções de vida na sociedade contemporânea”

Emir José Suaiden

RESUMO

Através de análises históricas percebemos que o acesso a informação foi limitado a uma grande parcela da sociedade. Deste modo este trabalho trata do projeto o SESI Indústria do Conhecimento, uma iniciativa do Serviço Social da Indústria, que tem como finalidade dinamizar o acesso a leitura e a informação. Nesta pesquisa abordamos a unidade de Goiânia, com o intuito de analisar a contribuição deste projeto para a democratização da informação através do acesso a leitura. Fizemos uma busca por referencial teórico que abordasse a problemática em torno do acesso a informação e as práticas de leitura no Brasil, que originaram hoje esta sociedade excluída. Destacamos a importância da leitura para a formação do cidadão e para sociedade. Desta forma, fizemos entrevista com os usuários da unidade Goiânia para saber a opinião deles em relação ao projeto, saber as mudanças ocorridas nas formas de leitura, no hábito de leitura e o acesso a informação, após o contato com a biblioteca Indústria do Conhecimento. Percebemos que a comunidade atendida pelo projeto teve resultados significativos quanto os aspectos de pesquisa mencionados. Notamos que iniciativas como essa fazem a diferença no Brasil, onde a leitura é pouco explorada.

Palavras-chave: SESI Indústria do conhecimento. Democratização da informação. Leitura.

ABSTRACT

Through historical analysis we realize that access to information was limited to a large portion of society. Thus this paper addresses the design of the SESI Indústria do Conhecimento, an initiative of the Serviço Social da Indústria, which aims to boost access to reading and information. In this approach the research unit of Goiânia, in order to analyze the contribution of this project for the democratization of information through access to reading. We search for a theoretical framework that would address the issues around access to information and reading practices in Brazil, which led the company now excluded. We stress the importance of reading for the training of citizens and society. Thus, we did an interview with the users of the unit Goiânia to know their opinion about the project, namely the changes in ways of reading, the habit of reading and access to information, after contact with the library of the Indústria do Conhecimento. We realized that the community served by the project had significant results regarding aspects of research mentioned. We note that such initiatives make a difference in Brazil, where reading is not explored.

Key-words: SESI Indústria do Conhecimento. Democratization of information. Reading.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
CNI	Confederação Nacional da Indústria
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
OEC	Oficina Educacional Comunitária
OVG	Organização das Voluntárias de Goiás
SESI	Serviço Social da Indústria
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A LEITURA: HISTÓRIA E (R)EVOLUÇÃO	13
2.1	AS PRÁTICAS DE LEITURA NO BRASIL	15
3	LEITURA E CIDADANIA	18
4	A INDÚSTRIA DO CONHECIMENTO: INFORMAÇÃO, LEITURA E CIDADANIA	20
4.1	INDÚSTRIA DO CONHECIMENTO GOIÂNIA - OVG	21
5	METODOLOGIA	24
5.1	COLETA DE DADOS	25
6	RESULTADOS	27
6.1	A PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS DO PROJETO INDÚSTRIA DO CONHECIMENTO	27
6.2	OBSERVAÇÃO IN LOCO	30
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	BIBLIOGRAFIA	35
	APÊNDICES	38

1 INTRODUÇÃO

Através de uma análise histórica percebeu-se que no Brasil a informação foi algo restrito as pessoas com poder aquisitivo (SUAIDEN, 2000, p. 52). Desde o período colonial houve uma tentativa frustrada para a democratização do acesso à informação. A princípio o foco principal foi voltado para a educação. Essa tentativa começou logo com a chegada da família Real no Brasil em 1808 trazendo juntamente com ela a Biblioteca e a Imprensa Real.

Apesar de várias tentativas das autoridades brasileiras em democratizar o acesso à informação, e em cada época essa responsabilidade passava de instituição a outra instituição, o que não se percebia era a falta de estrutura e principalmente de administração que estabelecesse primeiramente os critérios para a criação de uma biblioteca pública. Outro fator condenatório dessa tentativa foi a falta de uma indústria editorial que colaborasse com a formação de um acervo independente. Suaiden (2000) relata que o governo e as editoras privadas tinham interesses diferentes, dificultando a parceria entre elas, as editoras privadas tinham o objetivo transformar o livro em um negócio empresarial independente do governo.

Partindo deste princípio o SESI, Serviço Social da Indústria, juntamente com parcerias privadas e governamentais, criou o projeto Indústria do Conhecimento, “uma iniciativa da indústria lançada em 2006 para promover o acesso a informação e cultura para a população de municípios com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)”¹. Destinada a comunidade conta com acesso a livros, periódicos, DVDs, internet, juntamente com cursos e programas de lazer, leitura e inclusão social, totalmente gratuitos.

Atualmente a Indústria do Conhecimento conta com 130 unidades em funcionamento em todo país, para atender a comunidade, e com objetivo de instalar 350 ao todo até o final de 2015. A estrutura física é a mesma em todas as unidades contando uma área de 100 m² é composta de 10 computadores com acesso à internet, sendo 01 para gestão da unidade, 24 lugares para leitura, pesquisa e estudos e acervo com mais de 1000 títulos de todas as áreas do conhecimento.

Neste trabalho limitaremos a pesquisa em uma das nove unidades do projeto no estado de Goiás, a unidade de Goiânia, com intuito de analisar a atuação do SESI como instrumento para a democratização da informação do projeto Indústria do conhecimento, na unidade, junto comunidade.

¹ www.sesi.org.br/industriadoconhecimento

O projeto foi iniciado em 2006 e até então não houve nenhuma pesquisa deste tipo para analisar o andamento do mesmo, bem como se o propósito do projeto está sendo atingido e a importância do SESI como um disseminador informacional em um país que por muito tempo não deu importância a leitura e o conhecimento como formadores de uma sociedade instruída e crítica.

Por meio de estudos percebe-se a importância do acesso à informação para o processo de formação social. Partindo desse princípio este trabalho vem para responder a seguinte questão: O SESI tem contribuído socialmente para a disseminação informacional por meio do acesso à leitura através do projeto “Indústria do Conhecimento, junto à comunidade de Goiânia?

Assim, temos como objetivo geral conhecer a ação do projeto Indústria do Conhecimento junto à comunidade, e avaliar as contribuições sociais geradas com o projeto levando em consideração a percepção dos usuários dessa unidade. Para isto, teremos como objetivos específicos: Conhecer a importância do SESI como disseminador informacional por meio do acesso à leitura; Conhecer as ações do projeto Indústria do conhecimento, bem como sua atuação na sociedade; Avaliar as contribuições sociais gerada às comunidades da unidade de Goiânia e avaliar se o projeto SESI Indústria do Conhecimento contribui para formação de leitores.

A escolha deste tema para este trabalho se deve ao fato de que o SESI vem desempenhando com o projeto Indústria do Conhecimento, o que a literatura a tempos vem explicitando que seria o ideal para a democratização da informação. Outro fator importante a ser discutido neste trabalho é a função social que a informação tem. Para isto analisaremos a percepção dos usuários da biblioteca de Goiânia para relatar as possíveis contribuições sociais adquiridas com a informação, dentro do projeto Indústria do conhecimento.

A divisão do trabalho foi feita de forma que explicitasse a problemática em torno da leitura. Assim, abordamos primeiramente o contexto histórico das práticas de leitura no mundo, e posteriormente no Brasil, mostrando o motivo da realidade em que vivemos hoje em torno da leitura: a falta de acesso. Mais a frente relatamos sobre a importância da leitura para a formação do cidadão e sua contribuição para a sociedade, na construção de um indivíduo crítico. Conhecemos a criação do SESI bem como sua iniciativa para promover o acesso à informação, e por fim apresentamos as análises dos dados gerados na pesquisa e resultados.

2 A LEITURA: HISTÓRIA E (R)EVOLUÇÃO

Durante séculos a leitura passou por várias mudanças até se tornar algo imprescindível para a sociedade. Por muito tempo poucos tinham acesso a livros, pois era restrito às pessoas do alto escalão, como a igreja, os políticos, os filósofos etc. Com influência mais forte, a igreja poderia até punir aqueles que desobedecessem a ordem de que não poderia comprar, vender, ter, ler ou conservar os livros ou escritos que se caracterizassem como hereges e perniciosos (Alvará de 30 de agosto de 1791, p. 12 apud ABREU, 1999).

Antes da Inquisição o acesso ao livro já era restrito pela forma como ele era confeccionado. Feita manualmente a produção de livros era bem pequena, às vezes com tiragem única. Ainda levando em consideração a dificuldade de fazê-lo, havia pouco material de leitura e escrita naquela época, e ainda esse material era destinado à minoria que gozava de uma excelente posição social.

Algumas mudanças significativas a respeito da leitura começaram a ocorrer a partir do século XV. Um deles foi a revolução no mercado de impressão, a produção de livros aumentou, aumentando assim os leitores, as bibliotecas e o acesso ao livro. Mas isto ainda não era a solução. Entretanto a censura proibia a leitura de certos livros e a Inquisição ainda impunha certos limites, era um primeiro passo para democratização da leitura, mas não o suficiente, outros problemas sociais barravam o contato com a leitura.

Assim como a igreja, a política tinha seu interesse em manter a sociedade longe dos livros e da leitura por vários motivos; um deles seria o questionamento da população em relação ao poder político. Tais indagações não seriam possíveis sem o mínimo de instrução, que por muitas vezes eram adquiridas com a leitura.

Para o governo manter o indivíduo “cego” aos problemas sociais era mais cômodo; pois “ Ler, escrever, contar são muito perniciosos ao pobres. Homens que devem permanecer e terminar seus dias numa árdua, fatigante e dolorosa quadra da vida, quanto antes a ela se acostumarem, mais pacientemente a suportarão” (MANDEVILLE, 1723, p. 13 apud ABREU, 1999).

A população pobre não tinha o direito de saber sua condição humana. O acesso a instrução escolar causaria uma revolução no sistema. Assim, segundo Manguel (1997), com a população alfabetizada poderia eles encontrar idéias revolucionárias perigosas nos livros. Abria precedentes a insubordinações, a questionamentos, críticas, discussões e revolta, em prol dos seus direitos. Por muito tempo este foi o grande motivo pela perseguição dos livros, bem como a proibição da leitura: manter a sociedade refém do poder político.

Fazendo um apanhado geral podemos citar dois momentos revolucionários da história da leitura, um ocorrido nos séculos XII e XIII que se refere à forma de compreensão e utilização do livro:

A primeira revolução na leitura no início da Idade Moderna foi, assim de maneira geral, independente da revolução tecnológica na produção de livros. Ela teve raízes em mudanças ocorridas nos séculos XII e XIII, que transformaram a função mesma da palavra escrita, substituindo o modelo monástico, que atribuía a escrita a uma tarefa de preservação e memória em grande parte dissociada da leitura, pelo modelo escolástico, que tornou o livro tanto um objeto como um instrumento de trabalho intelectual (CHARTIER, 1999, p. 23).

O homem passava a utilizar o livro com outros olhos; de forma mais íntima, a leitura passou a ser silenciosa, reflexiva, mais privada. Conseqüentemente passava-se a ler mais, e mais rápido.

O segundo momento em que a leitura sofreu mudança foi durante o século XVIII, desta vez com a revolução da impressão, que passou a produzir mais livros e a proliferação dos jornais e das entidades voltadas para a leitura. A partir de então para ler não precisava mais pagar:

A segunda revolução na leitura ocorreu durante a era da impressão, mas antes da industrialização da produção do livro. Tal revolução, ocorrida na Alemanha, Inglaterra, França e Suíça durante o século XVIII, apoiou-se em diferentes circunstâncias: crescimento na produção do livro, que triplicou ou quadruplicou entre o início do século e os anos 80, a multiplicação e transformação dos jornais, o triunfo dos livros de pequeno formato e a proliferação de instituições (sociedade de leitura, clubes do livro, bibliotecas de empréstimos), que tornavam possível ler livros e periódicos sem ter que comprá-los (CHARTIER, 1999, p. 24).

Juntamente com essa mudança surgiam novas práticas de leitura. Com o montante de livros publicados o leitor lia mais e mais rápido e lia de tudo: livros de reflexão passageira, a leitura árdua e complexa de anteriormente ficava pra trás.

O acesso ao livro se tornou mais fácil, surgindo assim, em meados do século XIX, os novos leitores: os leitores populares. Aqueles que antes não tinham contato com leitura adentravam neste novo mundo, aparecendo todos os tipos de práticas possíveis, da mais complexa a mais superficial. Esta afirmativa é confirmada por Chartier (1999, p. 28) que diz que novas categorias de leitores (mulheres, crianças e trabalhadores) foram apresentadas a cultura impressa e, ao mesmo tempo, houve uma grande produção de impressos que trouxe novos materiais para a leitura.

Outro momento, agora falando de uma época atual, que a leitura sofreu mudanças consideráveis, foi na era tecnológica. Um modo de leitura nunca visto antes, sequer imaginado, passa a existir neste momento. A limitação às vezes imposta à leitura impressa, aqui não mais existia. No meio eletrônico o leitor podia alterar, comentar, escrever ou

reescrever o texto. Passou a ter autonomia e liberdade para expor sua opinião. Nesse novo modelo quebra-se o pólo emissor (LEMOS, 2002), agora o leitor é emissor, receptor e editor do texto.

Desta forma, nesta era tecnológica, a facilidade ao acesso a informação foi outro fator de revolução na história da leitura. O texto extinto de sua forma materializada (impressa) e transformada em eletrônica tinha o poder de ser alcançado por todos que tivessem acesso a internet. A reunião de todos os livros, artigos, textos publicados em um só lugar, disponibilizados de forma democrática foi o ápice da história da leitura, mesmo que se perdesse o prazer de fazer uma boa leitura com um livro na mão.

Podemos perceber que mesmo com altos e baixos, a leitura esteve presente e foi fundamental para marcar cada época ou século aqui mencionado. Sem dúvida nenhuma a leitura tem o seu poder, pois se não tivesse não seria duramente reprimida durante séculos. A leitura pode se tornar uma arma na mão de um indivíduo, a compreensão do mundo, a reflexão da vida, os questionamentos, a busca por respostas, ou seja, tudo pode ser descoberto por meio da leitura.

2.1 AS PRÁTICAS DE LEITURA NO BRASIL

A história da leitura no Brasil ganhou mais impulso, a partir da vinda da família Real para as terras brasileiras. A leitura era destinada aos portugueses que aqui chegavam, aos jesuítas, ao clero e as pessoas ligadas a administração da colônia.

A educação era precária, quase não existiam escolas, e as que existiam, dentro das fazendas de engenho, tinham como professores os padres ou mestres-escolas. Mesmo assim não eram extensivas aos escravos e a mulheres, estas recebiam uma educação mais geral, somente para trabalhos domésticos. Desta forma, esta pequena parcela da sociedade que tinha acesso a práticas escolares criava uma superioridade em relação ao restante da população que não tinha acesso a educação, a leitura e a escrita.

Com a vinda da família Real para o Brasil em 1808, fugindo dos ataques franceses liderado por Napoleão Bonaparte, houve grandes mudanças na colônia portuguesa, começando pelo surgimento de fato de uma nação. Assim ocorreu a modificação da língua aqui falada até então, bem como o surgimento do significado de nacionalidade que não existia naquele momento.

Outro fator importante com a vinda da família Real para o Brasil, e de grande relevância para o crescimento do país, foi a abertura dos portos. Houve uma mudança sócio-

econômica cultural, que precisava de mão de obra capacitada e surgia a necessidade de uma qualificação dos trabalhadores. A época era de transformação no mundo todo, acontecia a Revolução Industrial da Inglaterra, e o Brasil não ficou de fora dessas transformações, embora tenha sido mais lentas, a sociedade mudava, a aristocracia e o clero exerciam cada vez menos influência sobre o povo.

O povo precisava ser alfabetizado; o mínimo de instrução se tornou necessária na época e era preciso investir em educação. A partir daí com o aumento de escolas para a população entrou no mercado brasileiro o livro didático: o primeiro contato da classe baixa com o livro. Ele formava leitores, apesar de ser menos interessante que a literatura convencional, ele era utilizado durante todas as fases da escolaridade:

O livro didático interessa igualmente a uma história da leitura porque ele, talvez mais ostensivamente que outras formas escritas, forma o leitor. Pode não ser tão sedutor quanto as publicações destinadas à infância (livros e histórias em quadrinhos), mas sua influência é inevitável, sendo encontrado em todas as etapas da escolarização de um indivíduo: é cartilha, quando alfabetização; seleta, quando da aprendizagem da tradição literária; manual, quando do conhecimento das ciências ou da profissionalização adulta, na universidade. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 121)

A leitura tornou-se uma prática nos seus vários significados. Resultado da escola e determinante para o ingresso do indivíduo na sociedade veio a ser valorizado como ideia, distinguindo o homem alfabetizado do ignorante, analfabeto.

Juntamente com esse feito, depois de três séculos, a partir de 1821, rompia-se a censura da imprensa no Brasil, acabava o monopólio estatal, possibilitando o funcionamento de outras tipografias, com isso crescia as oportunidades de leitura através do aumento da produção de livros. O Brasil era bombardeado de várias publicações antes proibidas no país.

A leitura no Brasil começou a se destacar depois desta época, por vários fatores, uns já mencionados: a escolarização, a produção de mais livros, o fim da censura tipográfica, a necessidade de uma população capacitada, tudo isso para enfrentar as transformações que o mundo sofria. Mesmo assim terminava o século XIX e muitos problemas sociais ainda rondavam o processo de ensino-aprendizagem.

Por volta do século XX o governo resolveu organizar, apesar de ter começado semelhante ao século anterior, aos poucos foi acontecendo algumas mudanças, dentre elas a criação de órgão específico para a administração da educação. Surgia o Ministério da Educação. Segundo Lajolo (1996) a partir daí criou-se novas medidas, a vida escolar se organizou, o livro didático, precisando responder a novas questões, deu forma ao ensino, sobretudo ao da leitura e da literatura.

Percebemos que a leitura e a escrita foi deixada de lado e as conseqüências passaram de geração para geração até chegar os dias atuais. A falta de contato com o livro desde a infância não despertava interesse após adultos. Assim a população não percebia a necessidade nem a utilidade de ler ou escrever e tal ignorância foi imposta a esses indivíduos por muito tempo. Vimos que a história da leitura do Brasil foi extremamente ligada com a história da educação, pois a escola teve um papel fundamental na consolidação da leitura como valor para a sociedade.

A fundamentação teórica a respeito das práticas de leitura no Brasil foi importante para conhecermos historicamente o processo de formação do leitor no Brasil. Percebemos que a leitura foi inserida lentamente no cotidiano da sociedade, mas mesmo assim não o suficiente para formar uma sociedade de leitores. Para isso faltam investimentos e interesses governamentais para disponibilizar o acesso à informação, conta também com o desinteresse dos indivíduos, que não são estimulados às práticas de leitura na fase de escolarização, fase esta importante para determinar um individuo leitor.

3 LEITURA E CIDADANIA

Se perguntarmos a alguém o que é leitura, talvez essa pessoa dissesse que leitura é ler o que tá escrito, ler palavras, ler um livro, ou um texto qualquer, sendo algo muito simples. Ao pé da letra a leitura parece realmente muito simplória, afinal de contas passamos o dia lendo: a faixa de um supermercado, o nome de uma rua, a linha de ônibus tudo isso é caracterizado como leitura. Mas o que trataremos aqui não é essa leitura passageira, corriqueira, é uma leitura mais profunda, o que nos faz refletir e gerar mudanças.

A leitura vai além da decodificação das palavras, o ato de ler acontece espontaneamente sem que tenhamos um texto em mãos: o modo como olhamos uma figura, reagimos a uma situação, analisamos um objeto, tudo depende de como você lê o que está em sua volta. Esta leitura que falamos está longe de ser aquela meramente mecânica, falamos da leitura mais complexa, reflexiva, onde o leitor pode fazer conexão entre o texto e o seu próprio contexto.

A leitura, logo, vai além da palavra escrita; é um vínculo entre a realidade e a linguagem e vai além do contato físico. Na compreensão de Freire (2009) “(...) a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica na continuidade da leitura daquele (...), ou seja, lemos mesmo sem decodificar as palavras, lemos com a imaginação, com a alma, com emoção, com a razão, com os sentidos.

Para Martins (1994) a leitura pode ser caracterizada em duas concepções: uma como decodificador mecânica dos signos lingüísticos, e a outra como processo de compreensão mais abrangente. Esta última exige mais do leitor, envolve a capacidade de dar sentidos as palavras, de compreendê-las, de internalizá-las, de criar novas idéias, de mudança. Aqui acontece a relação leitor-texto, através da história de cada indivíduo, da sua vivência pessoal.

Para Suaiden o acesso à leitura e a informação faz parte também do processo de formação social do cidadão:

O livre acesso ao conhecimento registrado é pré-requisito para formação de comunidades autoconscientes, integradas na cultura de sua nação, ajustadas ao seu tempo e aptas a encontrar o equilíbrio na síntese das ideologias possíveis que tornam tão variadas as opções de vida na sociedade contemporânea (SUAIDEN, 1980, p. 2)

Tornando-o assim capaz de relacionar-se como indivíduo integrado a sociedade e consciente da necessidade do conhecimento para o crescimento próprio, e conseqüentemente da nação.

Devemos dissociar a leitura somente no âmbito escolar, pois somos ligados a um conceito de cultura vinculado à produção escrita, muito técnica. Porém isto está distante de proporcionar um aprendizado real, vivo e prolongado. Desprezamos a leitura ocorrida no cotidiano, na família, com os amigos, pelo os acontecimentos diários, diversão do dia-a-dia, no aprendizado popular, extremamente ligado ao contexto em que o individuo está inserido.

Tomar como leitura somente os livros que a escola impõe é um erro. Nos limitaríamos a esta leitura técnica da obrigatoriedade, forma jovens e adultos sem a capacidade de transformação e crítica. Estamos também excluindo os milhões de analfabetos pelo país, que não tem a escrita como uma menção do cotidiano, mas a leitura sim, por exemplo, quando resolvem um problema corriqueiro do dia-a-dia fazendo relação com suas experiências, estamos fazendo leituras que nos possibilitam a ler qualquer coisa, com o aprendizado natural.

Ampliar a nossa idéia de leitura é fundamental, segundo Martins (1994, p. 29) a leitura “vista de um sentido amplo, independente do contexto escolar, e para além do texto escrito, permite compreender e valorizar melhor cada passo do aprendizado das coisas, cada experiência”. Com isto muitas pessoas reúnem-se no que era destinado a uma pequena parcela da sociedade, permite o conhecimento de características e divergências entre os sujeitos da sociedade, formando uma postura crítica, sugerindo mudanças.

4 A INDÚSTRIA DO CONHECIMENTO: INFORMAÇÃO, LEITURA E CIDADANIA

O Serviço Social da Indústria (SESI) foi criado através do Decreto lei nº 9.403, de 25 de junho de 1946 (SESI: 50 ANOS, 1996, p. 12) sob responsabilidade da Confederação Nacional da Indústria (CNI) em um momento econômico e social difícil pós II Guerra Mundial, apesar da pouca participação do Brasil, e do fim da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas ocorrido em 1945. Nesta perspectiva o Estado viu a necessidade de tomar providências quanto à péssima repercussão na vida da sociedade, mais intensa nas classes desfavorecidas.

Vendo o interesse do CNI em cooperar para esta missão, o Estado atribuiu-lhe a função de criar, organizar e dirigir o Serviço Social da Indústria:

Considerando que a Confederação Nacional da Indústria, como entidade representativa dos interesses das atividades produtoras, em todo o país, oferece o seu concurso a essa obra, dispondo-se a organizar, com recursos auferidos do empregadores, um, serviço próprio, destinado a proporcionar assistência social e melhores condições de habitação, nutrição, higiene dos trabalhadores e, bem assim, desenvolver o esforço de solidariedade entre empregados e empregadores (Decreto lei nº 9.403, de 25 de junho de 1946)

O SESI nasceu com a função de assistencialismo, para tratar dos problemas sociais vigentes no país naquele momento. Foi uma das primeiras instituições privadas a prestar serviços assistenciais aos trabalhadores com recursos e direção do empresariado:

Missão:

Promover a educação, saúde e a qualidade de vida do trabalhador e de seus dependentes e estimular a gestão socialmente responsável da empresa industrial, contribuindo para competitividade da indústria e o desenvolvimento sustentável do Brasil. (SESI, p.3).

O SESI há muito tempo vem engajado na perspectiva de um Brasil melhor, igualitário, visando educação de qualidade a todos, saúde e lazer. Promove projetos nestas áreas, contando com a participação da comunidade trabalhadora e comunidade em geral.

No âmbito educacional o SESI acredita que a educação é o caminho para “preparar o cidadão para ser uma pessoa ativa e participativa na história de sua comunidade” (SESI Goiás, p. 7). Neste raciocínio, o SESI trabalha com programas que desenvolvem essa capacidade do cidadão, como o SESI Educação do Trabalhador, Educação de Jovens e Adultos, Por um Brasil Alfabetizado e SESI Escola. Conta também com a Rede de Bibliotecas SESI, composta por bibliotecas escolares, em empresas, e abertas à comunidade, este com o projeto chamado SESI Indústria do Conhecimento, prestando um grande auxílio na disseminação da informação e da leitura, para aqueles que não tinha a oportunidade ao acesso.

Partindo deste princípio o SESI, Serviço Social da Indústria, juntamente com parcerias privadas e governamentais, criou o projeto Indústria do Conhecimento, “uma iniciativa da indústria lançada em 2006 para promover o acesso a informação e cultura para a população de municípios com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)”. Destinada a comunidade conta com acesso a livros, periódicos, DVDs, internet, juntamente com cursos e programas de lazer, leitura e inclusão social, totalmente gratuitos.

Atualmente a Indústria do Conhecimento conta com 130 unidades em funcionamento em todo país, para atender a comunidade, e com objetivo de instalar 350 ao todo até o final de 2015. A estrutura física é a mesma em todas as unidades contando uma área de 100 m² é composta de 10 computadores com acesso à internet, sendo 01 para gestão da unidade, 24 lugares para leitura, pesquisa e estudos e acervo com mais de 1000 títulos de todas as áreas do conhecimento.

Percebemos que a preocupação do SESI não é somente com a vida do trabalhador da indústria, mas também com o bem estar de sociedade em geral. Notou que a informação é um grande aliado ao que já foi dito: em tornar o cidadão participativo na comunidade em que se instala, sendo crítico, opinativo e tendo a competência informacional.

O projeto Sesi Indústria do Conhecimento tem por base a Constituição Brasileira, que:

[...] ao prever que a educação será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho e a produção e democratização aos bens de cultura. (art. 205 e 215 Constituição da República Federativa do Brasil apud Documento Técnico Sesi Indústria do Conhecimento, 2007, p. 2)

Neste sentido, Varela (2007) apud Santos, Senna, Miranda (2010, p. 35) afirma que “[...] a informação muda a estrutura do conhecimento e provoca uma desordem cognitiva”.

Tem como norte o Manifesto da Unesco sobre Bibliotecas Públicas 1994, onde diz que “ A liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos [...]Só serão atingidos quando os cidadãos estiverem na posse da informação que lhes permita exercer os seus direitos democráticos e ter um papel activo na sociedade”.

4.1 INDÚSTRIA DO CONHECIMENTO GOIÂNIA - OVG

Como dito anteriormente, o projeto Sesi Indústria do Conhecimento faz parcerias com instituições privadas e governamentais. A parceria é feita na condição de o

SESI fornecer toda a estrutura física da unidade e a parceira ceder o espaço, os funcionários e a manutenção da biblioteca. A unidade Goiânia é parceira da Organização da Voluntárias de Goiás (OVG), na Oficina Educacional Comunitária (OEC) Norte Ferroviário, esta localizada na Avenida Contorno esq. Rua 44, setor Norte Ferroviário, situada no região norte de Goiânia e foi inaugurada no dia 2 de dezembro de 2008.

A OEC Norte Ferroviário é uma das unidades da OVG, que fornece cursos profissionalizantes para a comunidade de baixa renda. A parceria foi feita no intuito da biblioteca dar suporte informacional para os professores, alunos dos cursos e atender a comunidade local da região, como moradores, lojistas, CMEIs, colégios, devido a carência desses tipos de instituições no local.

Assim, temos como objetivo geral conhecer a ação do projeto Indústria do Conhecimento junto à comunidade, e avaliar as contribuições sociais geradas com o projeto levando em consideração a opinião dos usuários dessa unidade. Para isto, teremos como objetivos específicos: Conhecer a importância do SESI como disseminador informacional por meio do acesso à leitura; Conhecer as ações do projeto Indústria do conhecimento, bem como sua atuação na sociedade; Avaliar as contribuições sociais gerada às comunidades da unidade de Goiânia e avaliar se o projeto SESI Indústria do Conhecimento contribui para formação de leitores.

A biblioteca conta com dois funcionários, R. G. S., formado em Administração, responsável pela biblioteca, e M. A. C., psicopedagoga, responsável por auxiliá-lo. A biblioteca não dispõe de um bibliotecário, há somente um profissional da área responsável por toda a Rede SESI de Bibliotecas, este com a função de supervisionar todas a unidade. Com atendimento mensal em torno de 400 usuários, a biblioteca conta com livros, jornais, revistas, internet, DVD, CD-ROM para acesso local, e cursos de inclusão digital para a comunidade, com duração de dois meses, formando seis turmas por ano.

São usuários da biblioteca, principalmente, os alunos e professores dos cursos ministrados pela OEC. Há projetos da biblioteca interligados com a coordenação pedagógica da unidade da Oficina visando o suporte informacional para alunos e professores. Outra parcela dos usuários refere-se a moradores, trabalhadores e estudantes de escolas dos arredores da unidade.

Percebe-se que a princípio o objetivo inicial do projeto é realmente levar informação e inclusão digital para a comunidade:

A premissa na qual se estrutura o Projeto é de que o SESI Indústria do Conhecimento, ao tempo em que promove a inclusão digital, pelo acesso às TICs e à Internet, melhora a qualidade da educação básica, à medida que possibilita a alunos

(crianças, jovens ou adultos) e aos professores o acesso a fontes de informação estruturadas e diversificadas. (Documento Técnico Sesi Indústria do Conhecimento, 2007, p. 3)

Com isso, garante-se a qualidade da educação básica e a inclusão digital.

Notamos que grande parte dos usuários desta unidade nunca tiveram acesso a este tipo de instituição, e ainda há um grande receio na utilização. Para Prado e Machado (2010) essas bibliotecas representam mais que um espaço de leitura, refere-se a outros aspectos dos problemas socioculturais, como a globalização e a erradicação do analfabetismo. Servem para sanar lacunas oriundas do histórico precário de leitura no Brasil e tem o intuito de capacitar o cidadão lhe dando democraticamente o acesso à informação.

5 METODOLOGIA

Após a escolha do tema, acesso a leitura e democratização da informação, buscamos referenciais teóricos para dar embasamento ao trabalho. Partimos primeiramente para a pesquisa bibliográfica de materiais já publicados nas várias formas textuais, artigos de periódicos impresso e eletrônicos, livros e monografias. A bibliografia foi identificada a partir da indicação da orientadora e pesquisa exaustiva sobre o assunto. Segundo Parra Filho, Santos (1998, p. 101) “é importante ressaltar que o embasamento teórico é fundamental para o desenvolvimento de qualquer tipo de pesquisa e avanço de qualquer campo da ciência”

A pesquisa procedeu no intuito de perceber as causas do pouco acesso a leitura e a restrição da informação. Buscamos diagnosticar de a partir de um breve histórico da leitura no mundo e no Brasil, os problemas sociais causados pela falta de informação na trajetória intelectual do país, bem como a importância da leitura no contexto atual da sociedade.

Caminhamos para a pesquisa qualitativa, pois ela é utilizada para medir tanto opiniões quanto comportamento, relaciona o sujeito com o mundo real, pois segundo Mucchelli (apud HOLANDA, 2006, p. 263) “os métodos qualitativo são métodos das ciências humanas que explicitam, analisam, fenômenos [...] Esses fenômenos, por essência, não são possíveis de serem medidos [...] eles possuem características específicas de “fatos humanos”.

Neste sentido, utilizamos o método fenomenológico para análise dos dados, pois levou em consideração a percepção, o sentimento e a reflexão dos fatos questionados aos usuários, assim Asti-Vera (Apud COLTRO, 2000, p. 39) relata que “as investigações fenomenológicas mostram a consciência do sujeito, através dos relatos de suas experiências internas”.

A fenomenologia trata dos fenômenos ligados ao psicológico do ser, lidando com fatos humanos. Creswell apud Holanda (2006, p.370), define o método fenomenológico como “a descrição das experiências vividas de vários sujeitos sobre um conceito ou fenômeno com vistas a buscar... seu significado central”. Sendo a percepção algo subjetivo, o uso da abordagem qualitativa visando “elucidar e conhecer os complexos processos de constituição da subjetividade” (HOLANDA, 2006, p. 364), foi de grande importância ao êxito nas questões metodológicas deste trabalho.

Do ponto de vista dos objetivos optamos pela pesquisa exploratória, no intuito de ter maior proximidade com o problema estudado e torná-lo claro e conciso. Neste sentido Gil (apud MATIAS-PEREIRA, 2007, p. 71) relata que este tipo de pesquisa envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. E do ponto de vista dos procedimentos optamos pelo estudo de caso.

Nesta mesma proposta optamos por utilizar a entrevista padronizada ou estruturada como método para coleta de dados, através de um formulário com perguntas abertas. Houve a presença de um entrevistador, levando em consideração que no universo de pesquisa poderia haver pessoas com dificuldades para entender as perguntas bem como para respondê-las.

Para Lakatos e Marconi (1991, p. 195) a entrevista “é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”. E para Parra Filho, Santos (1998, p. 107) “O sucesso do trabalho dependerá, inclusive da qualidade, ou seja, do conteúdo do questionário, assim como da clareza e da objetividade das perguntas a serem respondidas.”

O universo de pesquisa a ser analisado foi determinado tendo por base o projeto Indústria do conhecimento do SESI, que faz um trabalho social de inclusão a leitura em municípios de baixo IDH. A unidade de Goiânia foi escolhida como amostra para a realização da pesquisa. Entrevistaremos os usuários desta unidade para relatar como a sociedade usufrui deste projeto e avaliar as contribuições sociais geradas levando em consideração a opinião dos mesmos.

Segundo Lakatos, Marconi (1991) para a elaboração dos dados utilizaremos primeiramente a seleção, codificação e se preciso a tabulação dos dados. Assim partiremos para a análise, interpretação, explicação e especificação dos mesmos.

A conclusão do projeto se dará na comparação e confrontação dos dados com o objetivo de explicitar se a pesquisa atingiu os resultados propostos, ressaltando a contribuição da pesquisa para a área de estudo compatível.

5.1 COLETA DE DADOS

A coleta de dados deu-se por meio de entrevista com um formulário com quinze perguntas, realizada na própria unidade Indústria do Conhecimento OVG. Optou-se por entrevistar sete pessoas, tendo como base a indicação de Gil (2007, p. 139): que explicita em

que estudos de caso, o ideal é adição progressivo de acordo com a necessidade, “embora não se possa falar em um número ideal de casos, costuma-se utilizar de quatro a dez casos”.

Optamos por selecionar usuários da unidade que tivesse um tempo considerável de frequência na biblioteca, pois para haver percepção de mudança em relação ao uso da biblioteca levaria algum tempo, desta forma houve o apoio dos funcionários da biblioteca para nos indicar qual usuário se encaixaria neste padrão. Assim notamos a dificuldade em encontrar usuários que fossem assíduos. Pois, por se tratar de uma biblioteca pública a rotatividade dos usuários é muito grande. Assim fizemos em média 30 abordagens para no final conseguirmos um total de sete entrevistas realizadas.

Utilizamos também da técnica de observação para perceber como os usuários usufruem do espaço e como a própria biblioteca auxilia os usuários neste processo. A observação foi feita nos dias em que foram realizadas as entrevistas, ou seja em sete dias, no período matutino e vespertino, no horário de funcionamento da biblioteca.

Foi feita a aplicação do pré-teste com um usuário da biblioteca, para a verificação da qualidade e a eficácia do questionário a ser aplicado, observando a clareza e a objetividade das perguntas, para assim chegar ao resultado final aplicado aos usuários da biblioteca que participaram desta pesquisa.

6 RESULTADOS

Neste capítulo serão mencionados os resultados obtido com a pesquisa e as entrevistas realizadas com os usuários da biblioteca.

6.1 A PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS DO PROJETO INDÚSTRIA DO CONHECIMENTO

O projeto tem como ação principal estimular a prática de leitura nos mais diversos suportes de forma gratuita para a sociedade. De acordo com o Documento técnico do Indústria do Conhecimento (2007, p.6) o projeto foi criado para “para atender as lacunas existentes na promoção do acesso à informação e ao conhecimento, mediante pesquisa e práticas de leitura.” Neste sentido através desta pesquisa podemos notar que o projeto consegue alcançar seu objetivo inicial, que é fornecer o acesso a informação e a inclusão digital atuando diretamente na sociedade. Como é explicitado pela entrevista feita com o usuário A. J. G., 49 anos, desempregado, usuário a dois anos do espaço Indústria do Conhecimento, quando perguntado sobre a relação que ele tinha com a leitura antes de freqüentar a biblioteca:

- Eu sempre gostei de ler, você tá entendendo, sempre gostei de conhecimento, eu gostei demais, aqui desse projeto, ficou mais fácil o acesso (a informação). Eu moro lá em Aparecida eu venho pra cá e fico o dia todo, tá entendendo.

O Projeto Indústria do conhecimento conseguiu estreitar a relação do usuário com a leitura, para ele que sempre gostou de ler, o que realmente faltava era um espaço que ele pudesse exercitar este gosto pela leitura.

Para L. S. M., estudante, 18 anos, o acesso a biblioteca mudou seu hábito de leitura:

- Sim, eu me interessei mais pela a leitura de outros tipos de livros, como o livro de conhecimentos gerais, um livro de conhecimento de língua portuguesa, outros livros que assim eu não gostava muito.

Relata também as mudanças que teve ao freqüentar a biblioteca:

- Mudou a minha leitura, melhorou muito, eu adquiri mais conhecimento na leitura, nos livros, um pouco de tudo sobre o conhecimento.

M. R., estudante, 15 anos , destaca a sua relação com a leitura antes de freqüentar a biblioteca:

- Pouca, quase não lia.

E relata o que mudou após o freqüentar o espaço:

- Mudou porque eu fiquei mais interessado por leitura, por estudos.

O mesmo caso de M. A. R. O., estudante, 17 anos:

- Mudou, bastante, ai to mais lendo, entendeu? Interessado, mais interessado.

Com esses relatos podemos perceber a suma importância do SESI como disseminador informacional por meio do acesso a leitura, pois pessoas que não liam por falta de oportunidade, descobrem o gosto pela leitura e conhecimento através do projeto. Esta importância pode ser relatada abaixo:

O livre acesso ao conhecimento registrado é pré-requisito para formação de comunidades autoconscientes, integradas na cultura de sua nação, ajustadas ao seu tempo e aptas a encontrar o equilíbrio na síntese das ideologias possíveis que tornam tão variadas as opções de vida na sociedade contemporânea (SUAIDEN, 1980, p. 2)

O acesso a internet foi outro fator bastante comentado nas entrevistas, para muitos dos entrevistados a internet foi fator determinante para a utilização do espaço, se tornando um forte aliado no processo de aprendizagem e leitura. Para 4 dos 7 entrevistados a internet é a principal fonte de informação. Chartier (2007, p. 24) diz que “[...] é preciso tirar proveito das novas possibilidades do mundo eletrônico [...] o essencial da leitura hoje passa pela tela do computador.”

Nas entrevistas percebemos que mesmo a internet sendo uma aliada no processo de aprendizagem e leitura, muitos dos usuários entrevistados, não consideraram a leitura na tela do computador como prática de leitura, por exemplo, quando foram perguntados sobre sua frequência de leitura:

A. J. G diz:

- Olha eu não gosto muito assim de livro, eu sou mais assim de acessar, entendeu, eu gosto mais de ler no computador que no próprio livro, eu leio bastante, você tá entendendo, mais eu leio mais na tela.

Desta forma podemos notar o preconceito com certos tipos de leitura. Será que o que ele lê na internet não pode ser considerado leitura? Para Abreu (2001, p. 154) sendo “Prisioneiros dessa idéia de que uma certa leitura de certos objetos é a única legítima, mantemos nossa ignorância sobre práticas de leitura efetivamente realizadas”. Não podemos caracterizar leituras como certas e erradas, não vamos esperar que um recém alfabetizado faça uma leitura erudita, pois é a “certa”, há para cada tipo leitura o seu leitor, para Abreu (2001) há leituras diferentes para interesses distintos.

O mesmo caso pode ser observado para D. L. R., estudante, 16 anos:

- A minha frequência de leitura em relação a livros ou...bem na internet eu leio muita coisa, muita noticia, principalmente questão esportiva, eu gosto muito, mas leitura de livros mais só pra estudar, mas livro literário eu não tenho muita frequência não.

Há a diferenciação de leitura de livros e internet, mesmo que na internet haja a leitura de livros, há exemplos aqueles que acessam a internet todos os dias, mas disseram que sua frequência de leitura seria de uma vez ao mês.

Com esta pesquisa podemos perceber a deficiência da biblioteca escolar. D. L. R., estudante, 16 anos, frequenta o espaço do projeto Indústria do Conhecimento mesmo a sua escola tendo uma biblioteca, e relata:

-O seu colégio não tem biblioteca?

-Tem mas lá é bem pequeno, e muito movimentado também, e a gente prefere aqui que é mais fácil, e nem é tanto movimento.

Não é de agora que estudos mostram que a formação do leitor começa na escola, mas infelizmente estes espaços que promovem a mudança e o desenvolvimento encontra-se defasados. Para Santos (2009) a palavra biblioteca significa somente um lugar que guarda livros e pessoas. E esta realmente é a idéia que a sociedade tem sobre este espaço, lotando pessoas desqualificadas para o trabalho que deveria ser de um bibliotecário, no intuito de tapar buracos administrativos da instituição.

Notamos que dos entrevistados somente um relatou a escola como meio de acesso a informação. A biblioteca escolar deve ser pensada como uma extensão da sala de aula, promovendo a integração biblioteca/escola, no intuito de formar alunos para a “competência informacional”, orientado pelo professor e o bibliotecário, Campelo (2002, p. 9) apud Santos (2009).

Foram relatados muitos casos de mudanças após o contato com a biblioteca, melhora na leitura, nos estudos, mudança de hábitos de leitura, acesso a informações que antes não tinham. Mas houveram casos de usuários que disseram que não perceberam diferença entre o antes e o depois de começarem a frequentar o espaço. Essas afirmativas devem ser analisadas, pois de qualquer forma, mesmo que seja mínima, houve sim alguma mudança, ao menos na rotina desse usuário, que antes não frequentava uma biblioteca e depois passou a ir.

Neste sentido, percebemos algumas contradições nos relatos, é o caso de R.L. L., repositor de supermercado, 21 anos, quando foi perguntado sobre sua relação com a leitura antes de frequentar o espaço do projeto Indústria do Conhecimento:

- Quando eu era adolescente eu não lia muito, aí eu vim pra cá (ele morava no Pará) entrei em depressão, e comecei a ler, melhorou 100%.

E logo mais a frente perguntamos o que mudou pra ele a partir do momento que ele passou frequentar a biblioteca:

-Muito não cara, a internet é fácil, grátis, tudo a mesma coisa.

Como não mudou? Para ele a leitura funcionou como uma terapia, ajudando-o a melhorar de uma depressão, mas mesmo assim ele não percebeu esta mudança.

De qualquer forma mesmo que seja em pequena proporção, há sim alguma mudança, o que falta é a percepção desse usuário para notar o que fez a diferença, neste caso o usuário R. L. L. percebeu, mas não atribuiu este feito com utilização biblioteca e o hábito de leitura.

6.2 OBSERVAÇÃO IN LOCO

Nas observações feitas nos dias de visitas da biblioteca, pudemos perceber que os usuários do espaço são distintos, há aqueles que lêem livros, gibis, jornais, etc, os que acessam a internet, fazendo pesquisas, assistindo vídeos, ouvindo música, ou aqueles que vão somente pra utilizar o espaço para estudo. De qualquer forma todos eles têm algo em comum, o interesse pela informação, e a busca da mesma, seja para estudar, para se manter informado ou para entretenimento.

Observamos que grande parte dos usuários da biblioteca pesquisada são jovens e adolescentes, em tempos de tecnologia, redes sociais, jogos dos mais variados, manter este público interessado em diferentes práticas de leitura é uma tarefa difícil. Com projetos como o Indústria do Conhecimento percebemos que esta realidade pode ser mudada.

Fizemos observações também a respeito da função dos funcionários da biblioteca. M. A. C., psicopedagoga, é responsável por auxiliar os alunos da escola no processo de ensino-aprendizagem, dando aula de reforço, aulas de leitura, e elaborando projetos que visem a utilização da biblioteca. Já R. G. S., administrador, fica responsável pela parte administrativa da biblioteca, fazendo cadastros de livros, empréstimos de acervo, e pelo projeto “Aprendendo a Clicar”, de inclusão digital para a comunidade.

Outro fator importante a ser destacado é a falta de um bibliotecário na unidade. Como uma biblioteca deste porte não conta com um bibliotecário? Assim, notamos a dificuldade dos funcionários da biblioteca em administrar a mesma, executando serviços cabíveis só a um profissional da área, para entender questões como classificação, representação descritiva, no âmbito mais técnico, e até mesmo para conseguir entender a necessidade informacional do usuário.

Levando em consideração que seja uma biblioteca pública, as necessidades informacionais são muito diversificadas, neste sentido entra o bibliotecário, para tentar sanar

esta necessidade. Cunha (2003, p. 44) diz que “se as necessidades de informação dos cidadãos numa biblioteca pública são atendidas isto reflete-se, via de regra, na conquista de direitos básicos de cidadania.”

O bibliotecário tem papel fundamental em uma instituição como esta, por meio da função de orientar o usuário na busca e na recuperação da informação, de forma criteriosa e satisfatória. O bibliotecário deve entender as necessidades deste usuário, disponibilizando o resultado de forma objetiva e rápida. Em uma época em que informação é essencial, o nosso papel como mediador entre informação e usuário é fundamental, isto é afirmado por Cunha (2003, p. 46), “Nossa missão como bibliotecários, é facilitar aos indivíduos o acesso à informação e possibilitar, desta forma, o desejo de aprender, de discutir, enfim, a formação do conhecimento ou o conhecimento em formação.”

Percebemos que há pontos a serem melhorados no projeto, primeiramente indiscutivelmente a necessidade da presença de um bibliotecário, até mesmo para promover projetos que cativem permanentemente os usuários desta unidade. Como os cursos da OEC-OVG têm duração média de três meses, os frequentadores da biblioteca tem também esse tempo de duração, ou seja, só durante o curso. Há uma rotatividade muito grande. Assim fazer um trabalho de leitura a longo prazo é difícil.

Deve-se também criar projetos para que os usuários façam da leitura uma prática constante, que estimule o gosto pela leitura, fazendo rodas de leituras em dias e horas definidas, para que o usuário tenha esta prática como lazer. Devemos pensar também na questão do acervo, os livros que compõem o acervo da biblioteca Indústria do Conhecimento Goiânia é mais voltado para o público infantil, ter livros que agradem o público adulto faria com que a comunidade local, que é composta por adultos, se interessasse mais pela biblioteca.

E por fim, outro fator importante a ser mencionado é a questão da divulgação, o layout da biblioteca não favorece para que as pessoas que passam ao redor reconheçam que aquele local seja uma biblioteca. Os funcionários relataram que ao fazer a divulgação externa para a comunidade local, muitas pessoas disseram que não sabia que o local se tratava de uma biblioteca, assim, sendo necessário uma melhor divulgação do espaço.

No âmbito geral da pesquisa, todos os entrevistados citaram direta ou indiretamente o acesso a informação a principal vantagem da biblioteca SESI Indústria do Conhecimento. De certa forma este acesso é o que a principio desperta o gosto pela leitura do usuário e conseqüentemente gera a formação de novos leitores. Notamos que a comunidade beneficiada com o projeto, isto com base nas entrevistas, notou em si mesmo uma melhora em vários aspectos: no interesse pela leitura, pelos os estudos, em pesquisas, pela própria melhora

na leitura. Não há como formar leitores sem lhes dar ferramentas para isso, sem investimento. Mesmo necessitando de algumas melhorias, mas isto acontece com o tempo, o projeto SESI Indústria do Conhecimento faz pela a sociedade hoje, o que foi deixado de lado pelo governo brasileiro: a democratização da informação como processo de formação do cidadão.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da fundamentação teórica podemos perceber que o Brasil tem uma deficiência imensa em leitura e leitores, e de projetos com iniciativas governamentais que sanem esta lacuna. A leitura é umas das mais importantes ferramentas para emancipação do homem, formando cidadãos críticos, e capazes de formar sua própria identidade. Para Suaiden (2009, p. 49) “só é possível de mudar com consciência crítica, própria das pessoas com hábito de leitura e hábito de utilização da informação.”

Acreditamos que conseguimos responder aos questionamentos iniciais, que originou esta pesquisa: Qual a importância do SESI como disseminador informacional por meio do acesso a leitura? Quais são as ações do Projeto SESI Indústria do Conhecimento? Qual sua atuação na sociedade? Quais foram as contribuições sociais geradas para a comunidade de Goiânia? O projeto SESI Indústria do Conhecimento contribui para a formação de leitores?

No decorrer da busca por referencial teórico e através da observação feita durante a pesquisa em relação ao SESI, notamos o seu empenho para se tornar um disseminador informacional, promovendo projetos que visam o acesso a leitura, a educação e conseqüentemente sua contribuição social gerada a partir destes projetos. Neste sentido podemos notar a suma importância que esta instituição tem no processo de formação social do cidadão. Assim, para Suaiden (1980, p. 2) “o livre acesso ao conhecimento registrado é pré-requisito para a formação de comunidades auto conscientes...”.

No geral percebemos, que o SESI Indústria do Conhecimento auxilia na manutenção e formação de leitores por meio da democratização da informação através de espaços que visam de forma democrática o acesso a leitura e a inclusão digital. Espaços, estes que agem de forma profunda mudando hábitos, pensamentos, auxiliando em uma sociedade formadora de opinião.

A percepção dos usuários entrevistados nesta pesquisa foi muito importante para afirmar a atuação do projeto na sociedade, bem como suas ações. Relatos de pessoas que nunca freqüentaram uma biblioteca, e tiveram o primeiro contato a partir destes espaços, pessoas que descobriram o gosto pela leitura, ou aqueles que já tiveram esta experiência, mas que há muito tempo tinha deixado de praticar o hábito de leitura. Assim, nota-se com os resultados que o SESI atua como disseminador informacional por meio do projeto Indústria do Conhecimento.

Heberto Sales (apud SUAIDEN, 1980) ex-diretor do Instituto Nacional do Livro, diz que: "A Biblioteca Pública, como núcleo de irradiação cultural na comunidade, como agência de informação e pesquisa, como centro de aperfeiçoamento intelectual, enfim, como meio por excelência, de democratização da leitura e do conhecimento, assume papel de maior importância na vida de um país e na vida do homem, porque, a medida que o homem se realizar no saber e na cultura, melhor se entenderá com os outros homens, e os povos com outros povos, num mundo de trabalho construtivo, de prosperidade social, de liberdade e paz".

O projeto Indústria do conhecimento destaca a necessidade de colocarmos em prática o efetivo acesso a informação assegurado a todos os cidadãos no Constituição de 1988. A atuação do SESI deve ser relatada não só para mostrar a sociedade a sua contribuição social através da disseminação da informação, mas também para servir como exemplo para outras instituições que tem capacidade de mudar o rumo do país a partir de projetos como a Indústria do Conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia. Diferença e Desigualdade: Preconceitos em Leitura. In MARINHO, M. (org). *Ler e Navegar*. Campinas, SP: Mercado de Letras/ Associação de Leitura do Brasil, 2001.

ABREU, Márcia. Percursos da leitura. In:___*Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999. p. 19-31.

BRASIL. Decreto lei nº 9.403, de 25 de junho de 1946. Atribui à Confederação Nacional da Indústria o encargo de criar, organizar e dirigir o Serviço Nacional da Indústria e dá outras providências. Disponível em: <[http:// ww.camara.gov.br/sileg/MontarIntegra.asp?CodTeor=853111](http://ww.camara.gov.br/sileg/MontarIntegra.asp?CodTeor=853111)> Acesso em: 20 out. 2011.

BRATTI, M. P. Leitura e construção da cidadania. *Revista UNIVILLE*, Joinville, SC, v. 8, n. 1, p.46-56, 2003.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999. p. 19-31.

CHARTIER, Roger. Os livros resistirão às tecnologias digitais. *Revista Nova Escola*, n. 204, p. 22-26, ago. 2007.

COLTRO, Alex. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. *Cadernos de pesquisa em administração*, São Paulo, v. 1, n. 11, 1º trim., 2000.

CUNHA, Miriam Vieira da Cunha. O papel social do bibliotecário. *Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, SC, v. 8, n. 15, 1º sem. 2003. Disponível em: <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p41/5234>>. Acesso em: 05 nov. 2011.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GIL, Antonio Carlos. *Como Elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2007.

HOLANDA, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Aná. Psicológica*, v. 24, n. 3, p. 363-372, jul. 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 3 ed rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LEMOS, André. Arte da vida: diários pessoais e webcams na Internet. In: NTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. Disponível em:

<<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/handle/1904/18835>>. Acesso em 18 de junho de 2011.

MACHADO, Elisa Campos. *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil*. 2008. 181 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2008.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Coleção primeiros passos.

MATIAS-PEREIRA, José. *Manual de metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: Atlas, 2007.

PRADO, Geraldo Moreira. A biblioteca comunitária como agente de inclusão/ integração do cidadão na sociedade da informação. *Revista Inclusão Social*, Brasília, DF, v. 3, n. 2, p.143-149, jan./jun., 2010.

SANTOS, Andréa Pereira. Biblioteca e formação de professores ou biblioteca na formação de professores. CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. 17º. 2009, Campinas. *Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil*, Campinas: Unicamp/FE;ALB, 2009. CD-ROM. Disponível em:

<http://www.alb.com.br/portal.html>. Acesso em: 8 dez. 2009. ISSN:2175-0939

SANTOS, Fabiano; MARQUES NETO, José Castilho; ROSING, Tania M. K. (Orgs.). *Mediação e leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

SANTOS, João Almeida; PARRA-FILHO, Domingos. *Metodologia científica*. 2 ed. São Paulo: Futura, 1998.

SANTOS, Maria José V. Costa; SENNA, Ana Maria; MIRANDA, Maria de Fátima. Biblioteca comunitária Escritor Lima Barreto: Espaço para práticas de mudanças sociais. *Ponto de acesso*, Salvador, v. 4, n. 3, p. 32-44, dez. 2010.

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA. *SESI: 50 anos*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1996.

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA. *SESI Indústria do Conhecimento: Documento técnico*. Brasília: 2007.

SESI Indústria do Conhecimento. Disponível em:

<<http://www.sesi.org.br/industriadoconhecimento/>>. Acesso em: 8 nov. 2010.

SITE CNI (Confederação Nacional da Indústria). Disponível em:

<<http://www.cni.org.br>>. Acesso em: 8 nov. De 2010.

SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000.

SUAIDEN, Emir José. *Biblioteca pública brasileira: desempenho e perspectivas*. São Paulo: LISA; Brasília: INL, 1980.

SUAIDEN, Emir José. Políticas públicas nacionais e internacionais para informação e cultura. In: SILVA, Helen de Castro, BARROS, Maria Helena T. C. (Org.). *Ciência da informação: múltiplos diálogos*. Marília/SP: Cultura Acadêmica Editora, 2009. p. 45-55.

TARAPANOFF, Kira. SUAIDEN, Emir. Planejamento estratégico em bibliotecas públicas no Brasil: histórico, crises e perspectivas. *Revista de Biblioteconomia*, Brasília, v. 19, n. 2, p. 137-165, jul./dez. 1995.

UNESCO. Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas. 1994.

Disponível em: < <http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 19 out. 2011.

APÊNDICE A

Entrevistas

Nome: Arnaldo Jorge Guimarães

Idade: 49

Profissão: Técnico de informática

Escolaridade: Superior Incompleto

Sexo: F () M (x)

1- O que te levou a freqüentar o espaço do projeto Indústria do Conhecimento?

Arnaldo: Olha eu achei que, que eu morei aqui pertinho um tempo, então eu acho uma coisa ótima, que eu tava justamente atrás de emprego, você tá entendendo, aí eu vinha aqui pegava livro, jornais, usava os computadores, eu achei ótimo isso daqui, você tá entendendo.

2- Quais tipos de leitura você prefere?

Arnaldo: Olha eu utilizo muito os jornais e o acesso a internet, tá entendendo.

3- Onde adquirir informação?

Arnaldo: Nos jornais e internet

4- Qual sua freqüência de leitura?

Arnaldo: Olha eu não gosto muito assim de livro, eu sou mais assim de acessar, entendeu, eu gosto mais de ler no computador que no próprio livro, eu leio bastante, você tá entendendo, mais eu leio mais na tela. Olha minha leitura é mais parte técnica, cê tá entendendo, da minha área, área de informática.

5- Qual a relação que você tinha com a leitura antes de freqüentar o espaço do projeto Indústria do Conhecimento?

Arnaldo: É o que eu to te falando, eu não gosto muito de ler, tá entendendo, eu sempre gostei de ler, você tá entendendo. Eu sempre gostei de ler, você tá entendendo, sempre gostei de conhecimento, eu gostei demais, aqui desse projeto, ficou mais fácil o acesso (a informação). Eu moro lá em Aparecida eu venho pra cá e fico o dia todo, tá entendendo.

6- Quais tipos de leitura você fazia antes de frequentar a Indústria do Conhecimento e quais leituras passou a fazer depois deste contato?

Arnaldo : Não eu acho o que eu sempre li eu continuei lendo, passei a ler mais por causa do acesso.

7- Quais programas de TV você assiste? Por quê?

Arnaldo: Olha eu gosto muito de documentário, você tá entendendo, eu gosto muito de documentário. É isso aí essas programações assim, mais meu interesse é mais assim documentário.

8- Você já tinha frequentado alguma biblioteca pública antes?

Olha na época que eu era assim estudante assim, você tá entendendo, assim eu sempre frequentei biblioteca né.

9- Em qual biblioteca pública de Goiânia (Marieta Teles, Pio XII, Cora Coralina) você se sentiria a vontade de frequentar? Ou não se sentiria a vontade?

Arnaldo: Aquela dali da praça cívica qual é? Pois é, é o que eu to te falando, entre essa daqui e a de lá, eu gostei mais dessa daqui por causa dos computadores, você tá entendendo, porque lá eles só tem um computador, e o negócio não anda, você tá entendendo, eu acho que a estrutura aqui é bem mais vantajosa mesmo, você tá entendendo.

10- O que mudou na sua vida a partir do momento que você passou a frequentar o espaço do projeto?

Arnaldo: Não mudou sim, é o que eu to te falando, é um espaço muito importante, você tá entendendo, pra você ver eu moro lá em Aparecida e venho de longe frequentar, eu acho muito bom, eu acho que ele é pouco utilizado sabe, que é pouco utilizado.

11- O que você acha desses tipos de biblioteca? Aonde deveria ter mais desses espaços?

Arnaldo: Eu acho que, que eu acho ótimo, eu acho que deveria ter em pelo menos em todas as cidades, lá em Aparecida mesmo, em Senador Canedo né, que é uma coisa muito boa mesmo. Lá em Aparecida, lá no centro lá de Aparecida.

APÊNDICE B

Nome: Daniel Lacerda Rocha

Idade: 16

Profissão: Estudante 2º ano ensino médio

Escolaridade: Ensino médio incompleto

Sexo: F () M (x)

1- O que te levou a freqüentar o espaço do projeto Indústria do Conhecimento?

Indicação de um amigo, a gente tava procurando um lugar pra estudar, ai ele indicou a gente aqui.

2- Qual sua freqüência de leitura?

A minha freqüência de leitura em relação a livros ou...bem na internet eu leio muita coisa, muita noticia, principalmente questão esportiva, eu gosto muito, mas leitura de livros mais só pra estudar, mas livro literário eu não tenho muita freqüência não.

3- Quais tipos de leitura você prefere?

Minha leitura favorita é noticias na internet, como por exemplo, esportiva, o que acontece pelo mundo, noticias em geral.

4- Onde adquirir informação?

Através dos livros didáticos do colégio, por televisão, internet, rádio, várias coisas.

5- Quando você vem para a biblioteca, você já sabe que tipo de informação você precisa?

Sim porque quando eu venho pra cá eu venho mais pra... pelo ambiente pra estudar, porque raríssimas as vezes que eu pego um livro, alguma coisa daqui.

6- O que você faz com essa informação?

Uai, quando eu venho pra estudar é pro colégio, então eu uso muito na hora das provas essas coisas.

7- Qual a relação que você tinha com a leitura antes de freqüentar o espaço do projeto Indústria do Conhecimento?

Acho que continuou a mesma.

8- Você mudou seu tipo de leitura após o contato com a biblioteca Indústria do Conhecimento?
Interessou-se por alguma leitura que antes não se interessava?
Não continuou do mesmo jeito.

9- Você recebeu orientação para utilização desse espaço?
Sim, tanto que foi por uma indicação de um amigo.

Mas aqui dentro?

Ah tá orientação? É teve uma vez que a moça que trabalha aqui me deu uma ajuda na prova de história, que ela era formada.

10- Quais programas de TV você assiste? Por quê?

Vixi televisão eu quase não assisto, então deixa pensar... eu gosto de assistir CSI, House, seriados.

11- Você já tinha freqüentado alguma biblioteca pública antes?

Não, essa é a primeira que eu to vindo.

12- Em qual biblioteca pública de Goiânia (Marieta Teles, Pio XII, Cora Coralina) você se sentiria a vontade de freqüentar? Ou não se sentiria a vontade?

Eu não sei porque ainda não conheço. Ainda não conheço nenhuma delas

13- Pra você o que mudou a partir do momento em que você passou a freqüentar o espaço do projeto?

Mudou nada não.

14- O que você acha desses tipos de biblioteca? Aonde deveria ter mais desses espaços?

Uai deveria ter mais desses espaços perto de colégios, por exemplo, aqui o nosso facilita bastante, mas são pouquíssimos os colégios que tem bibliotecas boas assim por perto.

O seu colégio não tem biblioteca?

Tem mas lá é bem pequeno, e muito movimentado também, e a gente prefere aqui que é mais fácil, e nem é tanto movimento.

APÊNDICE C

Nome: Ramon Lima Lopes

Idade: 21 anos

Profissão: Repositor de supermercado

Escolaridade: Ens. Médio Completo

Sexo: F () M (x)

1- O que te levou a freqüentar o espaço do projeto Indústria do Conhecimento?

Amiga minha indicou, livros, internet e tal.

2- Há quanto tempo você o freqüenta?

Dois meses.

3- Qual sua freqüência de leitura?

Diária.

4- Quais tipos de leitura você prefere?

Livros espíritas e góticos.

5- Onde adquiri informação?

Aqui no SESI no caso, to até olhando um negócio aqui agora, livros também.

6- Quando você vem para a biblioteca, você já sabe que tipo de informação você precisa?

Não, obra do acaso, muitas vezes estou por aqui e venho.

7- O que você faz com essa informação?

Só pra conhecimento mesmo.

8- Qual a relação que você tinha com a leitura antes de freqüentar o espaço do projeto Indústria do Conhecimento?

Quando eu era adolescente eu não lia muito, ai eu vim pra cá entrei em depressão, e comecei a ler, melhorou 100%.

9- Você mudou seu tipo de leitura após o contato com a biblioteca Indústria do Conhecimento?

Interessou-se por alguma leitura que antes você não lia?

Ainda não.

10- Você recebeu orientação para utilização desse espaço?

Sim

11- Quais programas de TV você assiste? Por quê?

Nossa eu gosto muito de musicais, eu sou muito eclético, gosto de “Diário de um vampiro”, “Glee”. Você conhece? Te recomendo.

12- Você já tinha frequentado alguma biblioteca pública antes?

Não, na minha cidade não tem um espaço bom como esse daqui não, tava até comentando coma moça.

13- Em qual biblioteca pública de Goiânia (Marieta Teles, Pio XII, Cora Coralina) você se sentiria a vontade de frequentar? Ou não se sentiria a vontade?

Não conheço.

14- Pra você o que mudou a partir do momento em que você passou a frequentar o espaço do projeto?

Muito não cara, a internet é fácil, grátis, tudo a mesma coisa.

15- O que você acha desses tipos de biblioteca? Aonde deveria ter mais desses espaços?

No Brasil inteiro minha colega, inclusive na minha cidade (interior do Pará).

APÊNDICE D

Nome: Lorena Souza de Melo

Idade: 18 anos

Profissão: Estudante

Escolaridade: 1º ano do ensino médio

Sexo: F (x) M ()

1- O que te levou a freqüentar o espaço do projeto Indústria do Conhecimento?

Porque ele tem muitos livros interessantes, eu gosto muito de ler, bastante interessante quanto literatura quanto outros tipos de leitura científica, do meu conhecimento da escola, então eu me levou mais a sabedoria mesmo.

2- Há quanto tempo você o freqüenta?

Há uns dois meses.

3- Qual sua freqüência de leitura?

Digamos que uns 10%, porque eu faço curso aqui na OVG, ai não é todo dia que eu posso tá vindo aqui na biblioteca, mas quando eu posso eu venho. A maioria das vezes são quatro dias por semana, algumas vezes nem todos os dias eu venho.

4- Quais tipos de leitura você prefere?

Literária, romance, mais romance mesmo, ou alguma pesquisa.

5- Onde adquirir informação?

Nos livros, nas pesquisas, na internet.

6- Quando você vem para a biblioteca, você já sabe que tipo de informação você precisa?

Sei.

7- O que você faz com essa informação?

Eu digamos, que eu colocaria na pasta do meu cérebro.

8- Qual a relação que você tinha com a leitura antes de freqüentar o espaço do projeto Indústria do Conhecimento?

Era muito boa, eu sempre gostei muito de ler, nunca foi assim uma pessoa que não gostava de ler, eu sempre gostei muito de ler livros, outras coisas assim lá na minha escola, as vezes quando tinha biblioteca eu pegava livros pra mim ler.

9- Você se mudou seu tipo de leitura após o contato com a biblioteca Indústria do Conhecimento? Interessou-se por alguma leitura que antes você não lia?

Sim, eu me interessei mais pela a leitura de outros tipos de livros, como o livro de conhecimentos gerais, um livro de conhecimento de língua portuguesa, outros livros que assim eu não gostava muito.

10- Você recebeu orientação para utilização desse espaço?

Não, não eu não eu só aqui mesmo do curso e só isso.

11- Quais programas de TV você assiste? Por quê?

Novela, jornal, só isso mesmo.

12- Você já tinha freqüentado alguma biblioteca pública antes?

Não.

13- Em qual biblioteca pública de Goiânia (Marieta Teles, Pio XII, Cora Coralina) você se sentiria a vontade de freqüentar? Ou não se sentiria a vontade?

Sentiria sim.

14- Pra você o que mudou a partir do momento em que você passou a freqüentar o espaço do projeto?

Mudou a minha leitura melhorou muito, eu adquiri mais conhecimento na leitura, nos livros, um pouco de tudo sobre o conhecimento.

15- O que você acha desses tipos de biblioteca? Aonde deveria ter mais desses espaços?

Em Aparecida de Goiânia, eu gosto muito de lá eu moro lá, mas deveria ter mais porque lá não tem.

APÊNDICE E

Nome: Maxwel Régis

Idade: 15 anos

Profissão: Estudante

Escolaridade: 9ª ano do ensino fundamental

Sexo: F () M (x)

1- O que te levou a freqüentar o espaço do projeto Indústria do Conhecimento?

Uma boa área de estudos.

2- Há quanto tempo você o freqüenta?

Uns dois anos.

3- Qual sua freqüência de leitura?

Leitura? Mais ou menos eu leio um livro por mês.

4- Quais tipos de leitura você prefere?

Mitologia grega e aventura.

5- Onde adquiri informação?

Na escola.

6- Quando você vem para a biblioteca, você já sabe que tipo de informação você precisa?

Já.

7- O que você faz com essa informação?

Faço pesquisas.

8- Qual a relação que você tinha com a leitura antes de freqüentar o espaço do projeto Indústria do Conhecimento?

Pouca, quase não lia.

9- Você mudou seu tipo de leitura após o contato com a biblioteca Indústria do Conhecimento?

Interessou-se por alguma leitura que antes você não lia?

Não, sempre me interessei pelos mesmos tipo.

10- Você recebeu orientação para utilização desse espaço?

Um pouco.

11- Quais programas de TV você assiste? Por quê?

Programas de entretenimento.

12- Você já tinha freqüentado alguma biblioteca pública antes?

Não

13- Em qual biblioteca pública de Goiânia (Marieta Teles, Pio XII, Cora Coralina) você se sentiria a vontade de freqüentar? Ou não se sentiria a vontade?

Sim, já me acostumei.

14- Pra você o que mudou a partir do momento em que você passou a freqüentar o espaço do projeto?

Mudou porque eu fiquei mais interessado por leitura, por estudos.

15- O que você acha desses tipos de biblioteca? Aonde deveria ter mais desses espaços?

Acho bom, só que tem poucas por aqui.

APÊNDICE F

Nome: Maycon Almeida Rodrigues de Oliveira

Idade: 17 anos

Profissão: Estudante

Escolaridade: 2º ano do ens. Médio

Sexo: F () M (x)

- 1- O que te levou a freqüentar o espaço do projeto Indústria do Conhecimento?
Primeiramente porque eu gosto muito né, esse negócio...internet, ler eu não sou muito chegado. Mas eu venho aqui mesmo por causa da internet né.
- 2- Há quanto tempo você o freqüenta?
Mais ou menos um mês
- 3- Qual sua freqüência de leitura?
Aaah, uma vez por... mês.
- 4- Quais tipos de leitura você prefere?
Eu leio muito mesmo esse negócio gibi.
- 5- Onde adquiri informação?
Ai, só aqui mesmo.
- 6- Quando você vem para a biblioteca, você já sabe que tipo de informação você precisa?
Muito das vezes não.
- 7- O que você faz com essa informação?
Eu também... muitas das vezes é escola.
- 8- Qual a relação que você tinha com a leitura antes de freqüentar o espaço do projeto Indústria do Conhecimento?
Muito pouco né, eu comecei a freqüentar, a fazer esse negócio mesmo foi agora, comecei a freqüent

- 9- Você mudou seu tipo de leitura após o contato com a biblioteca Indústria do Conhecimento?
Interessou-se por alguma leitura que antes você não lia?
Sim, ai tipo gibi mesmo, gibi eu lia mesmo era pouco, agora eu to lendo mais frequentemente.
- 10- Você recebeu orientação para utilização desse espaço?
Já.
- 11- Quais programas de TV você assiste? Por quê?
Assisto, é... quais todos eu assisto.
- 12- Você já tinha freqüentado alguma biblioteca pública antes?
Já. Pior que eu não lembro lá no Jardim América.
- 13- Em qual biblioteca pública de Goiânia (Marieta Teles, Pio XII, Cora Coralina) você se sentiria a vontade de freqüentar? Ou não se sentiria a vontade?
Uai eu sentiria vontade de conhecer sim.
- 14- Pra você o que mudou a partir do momento em que você passou a freqüentar o espaço do projeto?
Mudou, bastante, ai to mais lendo, entendeu? Interessado, mais interessado.
- 15- O que você acha desses tipos de biblioteca? Aonde deveria ter mais desses espaços?
Ai pra comunidade né, mais perto, porque aqui é muito distante né, acho que deveria ter mais em outros lugares.

APÊNDICE G

Nome: Tatiana Pereira

Idade: 30 anos

Profissão: publicitária e gestora ambiental

Escolaridade: superior completo

Sexo: F (x) M ()

1- O que te levou a freqüentar o espaço do projeto Indústria do Conhecimento?

Porque é de graça.

2- Há quanto tempo você o freqüenta?

Uns dois meses.

3- Qual sua freqüência de leitura?

Nenhuma.

4- Quais tipos de leitura você prefere?

Prefiro a internet.

5- Onde adquiri informação?

Na internet.

6- Quando você vem para a biblioteca, você já sabe que tipo de informação você precisa?

Sei.

7- O que você faz com essa informação?

Na minha pesquisa, na montagem das minhas coleções.

8- Qual a relação que você tinha com a leitura antes de freqüentar o espaço do projeto Indústria do Conhecimento?

A mesma que eu tenho depois de freqüentar o espaço.

9- Você mudou seu tipo de leitura após o contato com a biblioteca Indústria do Conhecimento?

Interessou-se por alguma leitura que antes você não lia?

Nenhuma mudei nada.

10- Você recebeu orientação para utilização desse espaço?

Recebi, mais é igual eu te falei com motivação com dois SS, daquele jeito.

11- Quais programas de TV você assiste? Por quê?

De moda, de moda e música.

12- Você já tinha freqüentado alguma biblioteca pública antes?

Pública não, mas da faculdade sim.

13- Em qual biblioteca pública de Goiânia (Marieta Teles, Pio XII, Cora Coralina) você se sentiria a vontade de freqüentar? Ou não se sentiria a vontade?

Pra mim é a mesma coisa.

14- Pra você o que mudou a partir do momento em que você passou a freqüentar o espaço do projeto?

Nada, se brincar eu fiquei mais burra.

15- O que você acha desses tipos de biblioteca? Aonde deveria ter mais desses espaços?

Acho que deveria ter em todo lugar e acho que é um espaço legal, que as pessoas possam freqüentar.